

O uso da análise de jogo como ferramenta para aprendizagem do basquetebol na formação inicial em educação física

Felipe Canan¹
Quessila Camila Baumgart¹
Jeanine Paula Gorris¹
Diego Junior Stroparo¹
Adriana Kohepka Marchese¹

RESUMO

Objetivamos identificar se a análise de jogo poderia servir como uma ferramenta útil à compreensão da lógica interna do basquetebol dentro da graduação em Educação Física. Tratou-se de uma pesquisa com método pautado na sistematização de experiência, esta que buscou identificar se e como a análise de jogo por parte de acadêmicos de basquetebol, realizada *in loco* em uma competição oficial, ajudaria em sua compreensão sobre a lógica interna da modalidade. Identificamos que não apenas a análise de jogo em si, mas também a observação e as dúvidas e discussões surgidas em razão da própria inserção no *locus* de pesquisa resultaram em um aprendizado significativo por parte dos acadêmicos, não apenas da lógica interna do basquetebol, mas também a respeito de sua dinâmica oficial, lógica externa e do universo do esporte institucionalizado como um todo. Concluímos que a experiência analisada superou as expectativas em relação aos objetivos, demonstrando que atividades extraclasse podem afigurar-se como importantes elementos para formação inicial em Educação Física.

Palavras-chave: Esporte. Experiência. Aprendizagem.

¹ Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Recebido em: 07 out. 2017
Aprovado em: 24 ago. 2018
Contato: felipe.canan@gmail.com

The use of game analysis as a tool for the initial formation in basketball

ABSTRACT

We aimed to identify if the game analysis could serve as a useful tool to understand the internal logic of basketball within the graduation in Physical Education. It was a research with method based on the systematization of experience, which sought to identify if and how the game analysis by basketball academics, held *in loco* in an official competition, would help in their understanding of the internal logic of the modality. We identified that not only the game analysis itself but also the observation and the doubts and discussions that arose because of the very insertion in the research *locus* resulted in a significant learning on the part of the academics, not only about the internal logic of basketball, but also about its official dynamics, external logic and the universe of institutionalized sport as a whole. We concluded that the experience analyzed surpassed the expectations in relation to the objectives, demonstrating that extra class activities can appear as important elements for initial formation in Physical Education.

Keywords: Sport. Experience. Learning.

El uso del análisis de juego como herramienta para formación inicial en basquetebol

RESUMEN

Objetivamos identificar si el análisis de juego podría servir como una herramienta útil a la comprensión de la lógica interna del baloncesto dentro de la graduación en Educación Física. Se trata de una investigación con método pautado en la sistematización de experiencia, ésta que buscó identificar si y cómo el análisis de juego por parte de académicos de baloncesto, realizado *in loco* en una competición oficial, ayudaría en su comprensión sobre la lógica interna de la modalidad. Identificamos que no sólo el análisis de juego en sí, sino también la observación y las dudas y discusiones surgidas en razón de la propia inserción en el *locus* de investigación, resultaron en un aprendizaje significativo por parte de los académicos, no sólo de la lógica interna del baloncesto, pero también con respecto a su dinámica oficial, lógica externa y del universo del deporte institucionalizado como un todo. Concluimos que la experiencia analizada superó las expectativas en relación a los objetivos, demostrando que las actividades extra-clase pueden considerarse como importantes elementos para la formación inicial en Educación Física.

Palabras Clave: Deporte. Experiencia. Aprendizaje.

INTRODUÇÃO

Para o ensino de uma modalidade esportiva no processo de formação inicial em Educação Física não basta a adaptação de metodologias/proposições utilizadas em outros contextos, como a escola, a iniciação ou o treinamento. Segundo Saad, Rezer e Rezer (2010) e Rezer (2010), o ensino do esporte na formação inicial em Educação Física demanda suas próprias necessidades, características e procedimentos.

Enquanto nos contextos de prática o conhecimento do aprendiz está essencialmente ligado ao “saber fazer”, a formação inicial deve permitir aos acadêmicos abstrair conhecimentos universais relativos à área da Educação Física como um todo e, particularmente, a cada uma de suas disciplinas. Nesta ótica, não é suficiente ao acadêmico “saber praticar/jogar” ou “saber ensinar” determinada modalidade esportiva, devendo, para melhor atuação profissional frente à mesma, conhecer seu universo particular, tanto no que concerne à sua lógica interna quanto à sua lógica externa.

Segundo Parlebas (2001), em linhas gerais, a lógica interna diz respeito às características de determinada prática corporal que permitem identificá-la enquanto tal, diferenciando-a de outras. Por exemplo, podemos concluir que os praticantes estão jogando basquetebol quando notamos que quicam a bola, arremessam à cesta, protegem a cesta quando não querem sofrer um ponto, etc. A forma como determinada prática corporal é interpretada, os usos dela feitos e os significados a ela atribuídos constituem o que o autor compreende como lógica externa. Nas palavras do próprio autor, “[...] las exigências estructurales de un juego deportivo requieren categorías de acción y de interacción con una clara orientación previa [lógica interna]. [...]. Por mucha que sea la coherencia de un sistema, siempre se le pueden asociar nuevos usos e significados imprevistos” (PARLEBAS, 2001, p. 307).

Dentre estes usos e significados (lógica externa) é que se encontram as adaptações pedagógicas das práticas corporais. Por essa perspectiva, uma prática contendo os elementos da lógica interna poderia ser entendida enquanto “basquetebol” tanto se verificada, por exemplo, em uma competição oficial regida e organizada pela instituição responsável por ditar suas regras internacionalmente (neste caso específico, a Federação Internacional de Basquetebol), quanto no recreio de uma escola, com a participação de apenas dois alunos (um contra o outro) e uma única cesta.

Nessa ótica, o acadêmico de Educação Física, ainda que não necessariamente saiba praticar a modalidade, precisará, ao menos, compreender sua lógica interna e elementos constituintes, para, somente a partir daí, saber adaptá-la ao contexto de ensino. Em outros termos, precisa, senão “saber praticar”, ao menos, “conhecer a prática”, para, somente, a partir daí, “saber ensinar”.

No que concerne aos jogos esportivos coletivos², além da prática em si, sob diferentes lógicas externas (que, inclusive, podem ser também determinadas pelos próprios acadêmicos), de aulas teóricas e de avaliações diversas (diagnósticas, formativas e/ou somativas), outros elementos podem servir como ferramenta apta a contribuir para formação inicial, ajudando na compreensão da lógica interna, tal como pode ser o caso da análise de jogo.

Segundo De Rose Junior, Gaspar e Assumpção (2005), a análise de jogo pode ser dividida em “análise estatística” e “*scouting*”. A primeira diz respeito a uma espécie de retrato numérico do jogo, fornecendo padrões de comportamentos/acometimentos do jogo, mas focando-se sobre a quantidade e não qualidade de ocorrências de determinadas ações, chamadas “indicadores de jogo”, que se traduzem nas principais ações técnico-táticas mensuráveis, realizadas por cada jogador e pela equipe. No basquetebol, são exemplos de indicadores de jogo: arremessos certos e errados, rebotes, assistências (passes que resultam na conversão de uma cesta por parte de um companheiro), recuperações (“roubadas”) de bola, tocos (bloqueios de arremesso), entre outros.

O *scouting*, por sua vez, que significa, em termo gerais, “explorar”, oferece uma análise mais qualitativa do jogo, debruçando-se sobre aspectos mais subjetivos, não apenas identificando a ocorrência de cada indicador de jogo, mas também as condições em que aconteceram (AZEVEDO FILHO; MACHADO JUNIOR, 2011; CANAN; MENDES; SILVA, 2015; MENESES; GOIS JUNIOR; ALMEIDA, 2016). No caso do basquetebol, não se verificaria, por exemplo, apenas a quantidade de arremessos certos ou errados, mas também de onde eles foram realizados, em que momento do ataque (em relação à regra dos 24 segundos), em que tipo de ataque (ataque “formal”, contra-ataque ou situação de bola parada), a partir de qual ação antecedente (tríplice ameaça, drible, recepção de passe ou rebote), entre outros.

Tendo em conta a necessidade de conhecimento dos indicadores de jogo e a atenção necessária ao jogo para sua coleta, adotamos para esta pesquisa o objetivo de identificar se a análise de jogo poderia servir como uma ferramenta útil à formação inicial em Educação Física, no que diz respeito à sua contribuição ou não para o aprendizado da lógica interna do basquetebol.

MÉTODOS

Esta pesquisa apresenta abordagem qualitativa, natureza aplicada e método pautado na sistematização de experiências, apresentado por Holliday (2006). O autor fornece um

² Práticas corporais institucionalmente regradas (ainda que com possibilidades de variações e diferentes significações e usos - lógica externa) em que há interação direta com o adversário em busca de atingir o objetivo do jogo (marcar o ponto e impedir que o adversário o faça), disputadas por intermédio de uma bola (ou algo que o valha - disco, peteca, etc.) e caracterizadas, sobretudo, pela imprevisibilidade de acontecimentos que geram incertezas para tomadas de decisão e execução de ações.

instrumento de sistematização dividido em cinco “tempos”, mas ele próprio deixa claro que cada experiência é única e o instrumento não apenas pode, como deve ser adaptado de acordo com as peculiaridades da mesma. O primeiro tempo é o [A] ponto de partida, que considera a necessidade de o autor da sistematização ter participado da experiência e ter o registro da mesma, na forma de seu planejamento escrito, diário de campo, documentos produzidos, etc.

O segundo tempo diz respeito às [B] perguntas iniciais, que referem-se ao estabelecimento do objeto, objetivos e eixo (o que interessa sistematizar) da sistematização. O terceiro tempo aborda a [C] recuperação do processo vivido, que busca reconstruir a história e ordenar e classificar a informação, categorizando-a levando em conta alguns critérios, como, por exemplo: qual era o objetivo da experiência, quais foram as respostas dos envolvidos, quais as dificuldades e os erros encontrados, quais os produtos gerados, etc.

O quarto tempo compõe-se pela [D] reflexão de fundo, que consiste em analisar, sintetizar e interpretar criticamente o processo, respondendo às questões: como aconteceu e por que aconteceu? Para Holliday (2006), este é o “tempo chave” da sistematização, pois todos os demais são construídos em função dele. Até então o processo era descritivo e neste tempo passa a ser analítico. Deve ser pautado em algumas questões, sempre seguidas do levantamento de possíveis razões para cada resposta. São exemplos: os objetivos precisaram ser modificados? Que mudanças ocorreram nos participantes? Existiram contradições no processo? Entre outras. O último tempo consiste nos [E] pontos de chegada, que, essencialmente, buscam formular conclusões a partir das respostas relativas à reflexão de fundo, para depois comunicar a aprendizagem, compartilhando a experiência com os pares.

O *locus* da pesquisa foi a fase final de uma campeonato de Basquetebol Masculino sub-17, realizado entre os dias 28 a 30 de agosto de 2015. Em três dias, foram realizados 15 jogos, em sistema “todos contra todos” e turno único.

A análise de jogo, que circunscreveu-se à análise estatística, foi realizada por meio de planilha construída especificamente para a experiência, no software Microsoft Office Excel. Foram coletados, com base no descrito por Canan, Mendes e Silva (2015), os seguintes indicadores de cada jogador em cada jogo: arremessos de três pontos tentados e convertidos; arremessos de dois pontos tentados e convertidos; lances livres tentados e convertidos; rebotes defensivos e ofensivos; assistências; bolas recuperadas; tocos; erros; faltas cometidas e sofridas. Após cada jogo, eram calculados: total de pontos tentados e feitos; porcentagem de acerto de arremessos de três pontos, arremessos de dois pontos, lances livres e total; rebotes totais; eficiência (indicadores positivos menos indicadores negativos = total de pontos feitos + assistências + rebotes + bolas recuperadas + tocos - total de arremessos errados + erros + faltas cometidas).

Esta análise foi realizada pelos 18 acadêmicos (8 mulheres e 10 homens) da disciplina “Basquetebol” do 3º ano de um curso de Bacharelado em Educação Física. O exercício desta tarefa foi validado como Atividade Prática Supervisionada. Para operacionalização da participação dos acadêmicos e da garantia de que todos os jogos seriam registrados,

desenvolvemos uma escala obrigatória. Aos acadêmicos que trabalhavam ou moravam fora do município foi dada prioridade de participação no período correspondente àquele em que era ministrada a disciplina. Os demais foram escalados em outros períodos e a todos foi possibilitado participarem tanto quanto quisessem para além da escala oficial.

Também foi reunido um grupo de quatro acadêmicos para ter uma participação mais duradoura e ativa no processo, ajudando o professor a orientar os demais acadêmicos e garantindo uma maior fidedignidade dos dados estatísticos de jogo coletados. Não houve critérios específicos para seleção dos quatro acadêmicos, exceto seu voluntariado e compromisso em participar do processo de treinamento e de estar presente ao longo de toda ou da maioria da competição.

Dois processos de preparação dos acadêmicos para as coletas de dados foram adotados: primeiro, foram dedicadas duas aulas da disciplina para apresentação do instrumento de coleta (planilha de análise) e operacionalização do mesmo, a partir da análise de um jogo em vídeo³ (foi selecionado um jogo de categoria de base de faixa etária correspondente à da Competição e com filmagem panorâmica e centralizada do jogo, diferentemente das filmagens televisivas). Inicialmente cada acadêmico coletava dados referentes a um jogador específico, depois a uma das equipes e, por fim, chegando ao produto final, a cada jogador dentro de uma das equipes, de modo a retratar o que cada jogador de cada equipe havia feito no jogo.

Paralelamente, no início do processo, o professor, em voz alta, ia indicando os acontecimentos a serem anotados e pausando o vídeo sempre que uma dúvida surgia, dirimindo sobre critérios relativos a cada indicador (por exemplo: quando um jogador dá um toco e ao mesmo tempo fica com a posse de bola, anota-se “toco” ou “roubada”? Quando um jogador erra um arremesso porque sofreu uma falta, anota-se arremesso errado ou não? Etc.). Posteriormente, a ajuda do professor foi substituída pela ajuda de um colega, de forma que as coletas eram realizadas em dupla. Um assistia ao jogo e relatava os acontecimentos para o outro que concentrava-se em anotar na planilha. Depois, os papéis se invertiam. Este procedimento, idêntico ao descrito por Canan, Mendes e Silva (2015), foi o mesmo utilizado na Competição, em somatório ao descrito no parágrafo abaixo.

O segundo processo foi o de treinamento do quarteto que participou mais ativamente do processo, logo nos primeiros jogos da Competição. Cada dupla ficou responsável pela análise de uma das equipes e o professor ajudava a indicar os acontecimentos e os jogadores responsáveis por cada qual. Isto foi feito durante todo o primeiro período da Competição, abarcando três jogos. Nos períodos seguintes, já com a presença de outros acadêmicos, a tarefa inicialmente exercida pelo professor passava a ser exercida pelo quarteto, ainda que com supervisão e auxílio do professor. Um processo de co-educação se instalou, em que todas

³ Preferiu-se a análise de jogo em vídeo e não de jogo dos próprios acadêmicos porque os mesmos não possuíam domínio do “saber fazer” do basquetebol. Sendo assim, as dificuldades que apresentavam em jogar, além da necessidade de o professor dirigir sua atenção também ao jogo, apitando ou orientando os jogadores, e tirando a atenção dos analistas, impossibilitavam ou atrapalhavam a aprendizagem da análise de jogo.

as análises (à exceção dos três primeiros jogos) foram feitas por seis acadêmicos (um assistia ao jogo e relatava os acontecimentos ao colega que os marcava, e o terceiro, membro do quarteto mais envolvido, assistia aos demais, exercendo a função inicialmente atribuída ao professor). Todas as análises continuaram sendo supervisionadas pelo professor. Dois *notebooks* eram utilizados simultaneamente para coleta dos dados e um terceiro para organização prévia (inserção do nome e número dos jogadores) e posterior (verificação de possíveis erros, tabulação dos totais e *backup* de segurança) em relação a cada jogo.

Aos acadêmicos que estavam presentes no recinto, mas não se encontravam naquele momento participando das coletas, não foram atribuídas quaisquer tarefas formais, ainda que solicitado que buscassem assistir e compreender a dinâmica do jogo e dos acontecimentos em geral. Todos exerceram todas as funções, à exceção daquela atribuída ao quarteto/professor: assistir ao jogo e relatar ao colega; marcar aquilo que era relatado; e permanecer no ginásio assistindo “informalmente” ao jogo. Acreditou-se que o somatório dos procedimentos permitiria aos acadêmicos uma maior leitura crítica e compreensão sobre o basquetebol, sobretudo no que diz respeito à sua lógica interna.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação ao primeiro tempo — [A] ponto de partida —, como já apresentado na metodologia da pesquisa, participamos ativamente do processo. O registro da experiência deu-se por via das próprias planilhas de análise de jogo, de relatórios apresentados pelos acadêmicos, descrevendo suas próprias experiências em relação ao processo (em relação à análise de jogo em si, à forma como foi feita a coleta, à Competição, à compreensão sobre o basquetebol, etc.), de uma roda de conversa na primeira aula pós-Competição e de conversas informais em geral.

No que concerne ao segundo tempo — [B] perguntas iniciais —, delimitamos que o objeto seria o processo de análise de jogo realizado pelos acadêmicos de Educação física. O objetivo central da experiência, similar ao objetivo da própria, foi o de identificar se e como o objeto contribuiria para o aprendizado da lógica interna do basquetebol. O eixo selecionado para sistematização, ou seja, aquilo que nos interessou sistematizar foi justamente a forma como o processo se construiu e, sobretudo, os resultados obtidos, estes aferidos pela ótica de três agentes ou grupos de agentes: o professor, o quarteto mais envolvido com o processo e os demais acadêmicos.

Frente ao terceiro tempo — [C] recuperação do processo vivido —, a partir das questões-base propostas por Holliday (2006), nos pautamos nas seguintes questões: como ocorreu o processo? Qual foi a percepção do processo pelos agentes participantes? O que os agentes aprenderam sobre o basquetebol? O quanto a análise de jogo em si contribuiu para este aprendizado? Quais outros fatores foram relevantes ao longo do processo? O que deu errado e/ou poderia ser melhorado? Buscando responder às questões, identificamos (professor

e quarteto mais envolvido) que o processo de aprendizagem não ocorreu estritamente em relação à coleta de dados em si, mas também:

- [1] a partir de quadros problemáticos em relação aos indicadores coletados, não previstos inicialmente (por exemplo: em uma disputa de rebote, se um jogador “tapeia” a bola e ela é apossada por outro, a quem atribuir o rebote? Após receber um passe, o jogador “corta” o adversário, utilizando-se de apenas um drible, faz a bandeja e converte o arremesso — houve uma assistência ou não? Entre outros exemplos);
- [2] em decorrência da observação geral do evento, na qual, com muita frequência, os acadêmicos comentavam e questionavam sobre os acontecimentos do jogo em si (regras, substituições, pedidos de tempo, jogadores que se destacavam, funções dos jogadores, bloqueios, organização coletiva ofensiva e defensiva, arbitragem, conduta dos treinadores, etc.) e da Competição ou funcionamento do basquetebol institucionalizado (sistema de disputa, classificação, rodízio da arbitragem, o que precisava para se tornar treinador ou árbitro, divisão de faixas etárias para as competições oficiais, funcionamento do sistema federado, etc.);
- [3] nos momentos informais, nos quais os acadêmicos acabavam assumindo papéis de torcedores, “árbitros” (discutindo as decisões dos verdadeiros árbitros, na realidade) e professores (explicando uns aos outros e a pessoas conhecidas, o que ocorria no jogo e na Competição) e na convivência entre si e com os agentes envolvidos na competição (jogadores, treinadores, árbitros, familiares dos jogadores, etc.), inclusive incrementando suas respectivas listas de contatos e amizades.

No quarto tempo — [D] reflexão de fundo —, procuramos, a partir da ótica de cada grupo citado em “B”, analisar criticamente o processo, levantando pontos positivos e negativos. A tarefa de análise de jogo, corroborando o que era dela esperado, apresentou como pontos positivos o aumento dos conhecimentos relacionados ao basquetebol, sobretudo relativos à lógica interna e ações tático-técnicas individuais, grupais e coletivas. Considerando que todos os acadêmicos tiveram mais de uma oportunidade de assistir/analisar os jogos e relatá-los ao anotador e que este era o momento em que os acadêmicos obrigatoriamente precisavam dirigir sua atenção a indicadores específicos do jogo, percebemos que houve uma apropriação do que era cada um destes e de como e com que frequência (em linhas gerais) apresentavam-se no basquetebol.

Superando os objetivos e as expectativas para com o processo, os acadêmicos demonstraram, sobretudo a partir da observação geral do evento e dos momentos informais, aprendizagem sobre regras e arbitragem; organização de eventos e relação treinador-atleta, além de interesse pela possibilidade de inserção acadêmico-profissional na área do basquetebol, até então não/pouco existente. Alguns acadêmicos, inclusive, posteriormente foram convidados a participar da organização/arbitragem em outras competições realizadas no

município e região.

Além do aprendizado acadêmico e técnico, ficou muito claro em todos os momentos e nos relatórios finais, que o envolvimento com a atividade gerou melhoria nos laços afetivos entre os acadêmicos e destes com o professor, a disciplina e o próprio curso de Graduação. A quebra com a rotina de aulas ministradas pelo professor, a possibilidade de conhecimento e inserção em um universo pouco conhecido pela maioria dos acadêmicos (do basquetebol e esporte formal/institucionalizado em geral), a percepção, pelos acadêmicos, da importância que aquele universo tinha para os envolvidos (jogadores, treinadores e familiares) contribuiu, inclusive, para uma nova forma de ver e entender o fenômeno esportivo, que extrapola as dicotomias difundidas no campo legal e acadêmico entre rendimento/educação/participação.

Mais precisamente, os acadêmicos, sobretudo os componentes do quarteto mais envolvido, entenderam que trava-se de um processo voltado ao rendimento, devido ao nível tático-técnico dos jogadores e ao fato de que era uma Competição disputada apenas pelas melhores equipes do estado, mas, ao mesmo tempo, que o envolvimento emocional dos agentes participantes e a importância notoriamente atribuída por eles ao processo extrapolavam a ótica do “vencer a qualquer custo” e representavam um processo de desenvolvimento pessoal e social.

Os pontos negativos apontados pelos acadêmicos estiveram, sobretudo, na conduta de alguns treinadores em alguns momentos, exaltando-se e agredindo (verbal e/ou emocionalmente) alguns jogadores, contrariando a atmosfera educacional percebida. Os erros de arbitragem, ocorridos, sobretudo, nos últimos jogos de cada dia, foram também apontados pelos acadêmicos como um ponto negativo do processo. Em discussão a respeito, contudo, pudemos compreender que uma queda do rendimento dos árbitros ao longo do dia de competição trata-se de algo natural, devido ao desgaste físico e psicológico. Intervalos maiores ou uma maior quantidade de árbitros para participar do “rodízio” foram soluções apontadas pelos acadêmicos, apesar da conclusão de que são medidas difíceis de serem implantadas e operacionalizadas na prática. Um ponto negativo percebido pelo professor foi o pequeno envolvimento por parte de alguns acadêmicos.

No que diz respeito ao último tempo — [E] pontos de chegada —, percebemos que existia, ao menos no contexto pesquisado, um grande desconhecimento e distanciamento dos acadêmicos de Educação Física em relação ao basquetebol e ao esporte competitivo e institucionalizado em geral. Este fato foi claramente percebido pela dificuldade e erros iniciais em relação ao preenchimento das planilhas de análise de jogo (para averiguação da fidedignidade, os dados relativos a pontos e faltas cometidas eram comparados à súmula de jogo, preenchida pelos árbitros, no intervalo e ao final de cada partida). Entretanto, ao passo que, na primeira coleta feita por cada acadêmico tenha sido comum a apresentação de dúvidas e de alguns erros, nas coletas seguintes estes problemas já não eram mais identificados. Ao mesmo tempo, os próprios acadêmicos, em seus relatórios, esclareciam que não conheciam e/ou não se interessavam pelo basquetebol, mas que a percepção e o interesse a respeito tinham mudado após a Competição, como podemos identificar no relatório final de um

acadêmico, que exemplifica o escrito em vários outros:

Como eu não tinha muito conhecimento deste esporte, tive um pouco de dificuldade no início, mas depois achei bem tranquilo, soube reconhecer os lances com facilidade. Participar deste evento foi muito importante, aprendi muito e comecei a ver o basquete com outros olhos, sinceramente não tinha muito interesse, mas é uma modalidade muito bacana (ACADÊMICO A).

Os acadêmicos membros do quarteto mais envolvido apresentaram uma melhor aquisição de conhecimentos sobre o basquetebol e um maior interesse a respeito, durante e ao final do processo. O interesse e envolvimento com a modalidade ficaram bastante claros também a partir da ótica do professor, que, para além das planilhas em si e dos relatórios finais, identificou que muitos acadêmicos, mesmo não pertencentes ao quarteto mais envolvido, acabaram reproduzindo as funções atribuídas a ele, participando em mais do que um único período e ajudando os demais colegas.

A co-educação acabara positivamente extrapolando o inicialmente esperado. Além disso, foi possível perceber um significativo aumento qualitativo em relação ao conhecimento sobre o basquetebol (dinâmica do jogo, ações tático-técnicas, funções dos jogadores, tipos de defesa e sistemas defensivos e regras), tanto nas aulas práticas, quanto nas teóricas e nas avaliações posteriores à experiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de envolvimento dos acadêmicos com a análise de jogo de uma competição oficial de basquetebol apresentou-se como importante ferramenta de aprendizado desta modalidade esportiva, contribuindo para formação inicial dos mesmos, sobretudo daqueles que envolveram-se de maneira mais aprofundada.

Foi possível identificar que, para além da tarefa previamente estipulada de análise de jogo, atividades em geral que quebrem com a rotina universitária e, sobretudo, permitam aos acadêmicos conhecerem diferentes universos relativos às práticas corporais, afiguram-se como ações importantes e, até mesmo, indispensáveis para o aprendizado técnico-acadêmico e também para o desenvolvimento pessoal e social, não apenas dos acadêmicos, mas também do professor.

A forma como a atividade foi conduzida apresentou mais acertos do que erros e pareceu, em uma conclusão geral, adequada para seus propósitos e apta a contribuir para a formação inicial em Educação Física, no que diz respeito ao basquetebol e, especificamente, aos conhecimentos sobre sua lógica interna. Em contextos em que exista um maior número de acadêmicos, sugere-se que mais de um trio seja responsável pela análise de uma mesma equipe, possibilitando comparação entre as planilhas e discussões construtivas a respeito.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO FILHO, Luiz Felipe Faria de; MACHADO JUNIOR, Aldo Vieira. Análise estatística dos campeonatos nacionais de basquetebol (1996-2010): reflexões e projeções para o futuro do basquetebol brasileiro. *Lecturas, Educación Física y Deportes, Revista Digital*, Buenos Aires, v. 16, n. 162, nov. 2011. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd162/campeonatos-nacionais-de-basquetebol-1996-2010.htm>>. Acesso em 07 out. 2017.

CANAN, Felipe; MENDES, José Carlos; SILVA, Rogério Vaz da. Análise estatística no basquetebol de base: perfil do Campeonato Paranaense de Basquetebol masculino Sub-17. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 289-302, abr./jun. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-55092015000200289&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>.

DE ROSE JUNIOR, Dante; GASPAR, Alexandre Barros; ASSUMPÇÃO, Rafael Marcos de. Análise estatística do jogo. In: DE ROSE JUNIOR, Dante; TRICOLI, Valmor (Org.). *Basquetebol: uma visão integrada entre ciência e prática*. Barueri: Manole, 2005. p.123-143.

GONZALEZ, Fernando Jaime. As disciplinas esportivas na formação superior: o que aprender e ensinar? *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 21, n. 1 (Caderno 2), p. 585-592, set. 1999.

GONZALEZ, Fernando Jaime. O estudo do esporte na formação superior em Educação Física: construindo novos horizontes. *Movimento*, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 213-229, jan./abr. 2004. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2833>>.

JARA HOLLIDAY, Oscar. *Para sistematizar experiências*. Tradução: Maria Viviana Resende. 2. ed. Brasília: MMA, 2006.

MENESES, Lucas Rodrigues; GOIS JUNIOR, Luiz Eduardo Mello; ALMEIDA, Marcos Bezerra de. Análise do desempenho do basquetebol brasileiro ao longo de três temporadas do Novo Basquete Brasil. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Brasília, v. 38, n. 1, p 93-100, jan. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32892016000100093&script=sci_abstract&tlng=pt>.

PARLEBAS, Pierre. *Juegos, deporte y sociedad: léxico de praxiología motriz*. Barcelona: Paidotribo, 2001.

REZER, Ricardo. Reflexões didático-pedagógicas acerca do ensino do esporte no processo de formação de professores de educação física. *Movimento*, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 271-292, jan./mar. 2010.

SAAD, Miguel Angillo; REZER, Ricardo; REZER, Carla Reiz. O Ensino do esporte no processo de formação inicial em Educação Física. *Revista Didática Sistêmica*, Rio Grande, v. 11, p. 162-178, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/1381>>.